



CORREIA, Edeilson de Jesus. Traços épicos em *Senhora*, de Raquel Naveira. In: *Revista Épicas*. Ano 2, N. 3, Jun 2018, p. 1-12. ISSN 2527-080-X.

TRAÇOS ÉPICOS EM *SENHORA*, DE RAQUEL NAVEIRA

TRAZOS ÉPICOS EN *SENHORA*, DE RAQUEL NAVEIRA

Edeilson de Jesus Correia
Pós-graduando em Estudos Literários/FAJAR¹

RESUMO: Este trabalho propõe-se a fazer um relato da pesquisa que teve seu início no ano de 2015 com a apresentação do trabalho intitulado “*As senhoras*” de Raquel Naveira, no VII Seminário Internacional e XVI Seminário Nacional Mulher e Literatura - Caxias do Sul/RS. A partir dessa pesquisa, despertou-se o interesse na realização de mais estudos relacionados à obra *Senhora*, de Raquel Naveira e que no ano de 2016 culminaram com a produção do Trabalho de Conclusão de Curso *Traços épicos em Senhora, de Raquel Naveira*, cuja base teórica se sustentou na metodologia épica proposta por Ramalho (2005 e 2015), a partir da qual foi possível analisar e investigar os referentes épicos presentes na obra, a saber: os planos histórico e maravilhoso que compõem a matéria épica e sua evolução, bem como a participação de escritoras nesse processo de evolução do gênero épico. Mediante os estudos de Ramalho & Silva (2007), foi possível fazer o mapeamento da evolução do gênero épico, a fim de observar o crescimento, a partir do século XX, do número de escritoras interessadas em utilizar em seus poemas diversos tipos de matérias épicas. Além disso, pode-se observar a inserção da figura feminina como protagonista nesses poemas de cunho épico, como observado no *corpus* de pesquisa.

Palavras-chave: Poesia épica; *Senhora*; Raquel Naveira

RESUMEN: Este trabajo se propone hacer un relato de investigación que tuvo su inicio en el año 2015 con presentación del trabajo titulado “*As senhoras*” de Raquel Naveira, no VII Seminario Internacional e XVI Seminario Nacional Mulher e Literatura - Caxias do Sul/RS. A partir de esa investigación se despertó el interés en la realización de más estudios con relación a la obra *Senhora*, de Raquel Naveira y que en el

¹ Faz curso de Pós-graduação lato-sensu em Literatura Contemporânea pela Faculdade Jardins; participou como membro temporário do CIMEEP (2016 – 2017). Concluiu sua graduação em Letras Língua Portuguesa pela Universidade Federal de Sergipe tendo como título de seu TCC: *Traços Épicos em Senhora, de Raquel Naveira*, sob a orientação da Profa Dra. Christina Ramalho.

año 2016 culminó en la producción del Trabajo de Conclusión de Curso *Traços épicos em Senhora, de Raquel Naveira*, cuya base teórica se apoyó en la metodología épica propuesta por Ramalho (2005 y 2015) en que fue posible analizar e investigar los referentes épicos, a saber: históricos y míticos que componen la materia épica y su evolución, así como la participación de las escritoras en ese proceso de evolución del género épico. Por medio de los estudios de Ramalho & Silva (2007) fue posible hacer el mapeo de la evolución del género épico, a fin de observar cómo las escritoras a partir del siglo XX vienen despertando su interés de utilizar en sus poemas las materias épicas, además se puede observar la inserción de la figura femenina como protagonista de esos poemas de cuño épico, como se observa en el corpus de investigación.

Palabras claves: Poesía épica; *Senhora*; Raquel Naveira

Introdução

Indagações referentes à evolução do gênero épico e pesquisas relacionadas a essa evolução mostraram ser necessária a análise da obra *Senhora* (1999), de Raquel Naveira sob o viés épico, visto que eram flagrantes os traços épicos presentes na obra da autora. A partir dessa constatação, o trabalho intitulado *Traços épicos em Senhora, de Raquel Naveira* foi definido a partir de seu intuito inicial de, a partir da observação da obra, destacar a importância dos estudos épicos, a transformação do gênero ao longo do tempo e o reconhecimento da presença de mulheres autoras no âmbito da escritura épica.

Segundo a visão tradicional, o gênero épico sempre foi um gênero literário tipicamente produzido por escritores, contudo, ao passo das constantes transformações sociais, bem como das literárias, verificamos que as mulheres escritoras, destacadamente a partir do século XX, despertaram seu interesse por escrever poemas longos, que carregam características próximas do épico. Além disso, vieram à tona muitas escritoras de séculos anteriores que também se expressaram epicamente, mas, no entanto, não tiveram o reconhecimento crítico, tal como se deu com a brasileira Nísia Floresta, autora do poema *A lágrima de um caeté*, de 1849.

Sabe-se que, ao longo da história, a participação da mulher na literatura sempre foi restrita, isso porque o campo de atuação social e cultural era constantemente de dominação masculina. No entanto, a realidade hoje é outra, pois as mulheres escritoras, à custa de muitas lutas, vêm ganhando seu espaço no ambiente literário principalmente no âmbito da dimensão canônica, que sempre foi patriarcal, principalmente no campo das manifestações do gênero épico. O fato de escritoras ocidentais cultivarem, destacadamente a partir do século XX, a preocupação em escrever poemas longos com características próximas ao épico, por envolverem planos mítico e histórico, gerou a necessidade de abordagens críticas voltadas para essa questão. É o caso do livro *Elas escrevem o épico* (2005) e do artigo “A representação cultural da poesia épica de autoria feminina; uma metodologia para a investigação de textos épicos” (2006), de Christina Ramalho.

Assim, para investigar a produção épica escrita por mulheres, tivemos que considerar três possibilidades: os textos épicos em que a representação das mulheres está vinculada a uma perspectiva patriarcal; os textos épicos que transgridem o modelo patriarcal, sem que a autora tenha manifestado, em seu discurso como pessoa pública, interesses crítico-feministas; e textos produzidos por escritoras declaradamente feministas. Nesse último caso, conforme Ramalho, “[...] a consciência crítica feminista, neste plano, está relacionada a uma postura política pessoal da autora que se compromete, através de um discurso próprio, a denunciar, de forma manifesta ou latente, as injunções opressoras patriarcalistas que se impõem às mulheres” (RAMALHO, 2006, p. 109).

Notou-se, a partir das pesquisas de Ramalho, que a escritora Raquel Naveira se enquadra no perfil de escritora preocupada em inserir, em seus poemas longos, representações do mito e da história. É o que se percebe, inclusive, nos títulos das obras da autora que possuem teor épico: *Guerra entre irmãos*, *Caraguatá* e *Senhora*. Buscando entender o processo de criação de Naveira, escolhemos, como foco de nossos estudos, *Senhora* (1999).

Assim, o principal objetivo dessa pesquisa foi verificar como, através do mito e da história, Raquel Naveira, na obra *Senhora* (1999), que é dividida em três partes, a saber, “Senhora do Castelo”, “Senhora do Nilo” e “Senhora do Adro”, contempla a inscrição da(s) mulher(es) em diferentes tempos e espaços, bem como identificar a inserção dos referentes épicos na obra mencionada. Com isso, almejamos mostrar a importância de se trabalhar com as categorias do texto épico presentes na produção literária dessas escritoras (contemporâneas), destacando-se a importância da obra da escritora Raquel Naveira como corpus para os estudos culturais e épicos na contemporaneidade.

1. Apresentação da obra a partir do viés épico

No primeiro momento do trabalho de pesquisa, dedicamos nossos esforços à apresentação da obra sob o viés épico. A obra *Senhora* foi dividida em três partes/capítulos, e é composta por uma grande diversidade temática, pois cada uma dessas partes reúne uma gama de informações culturais. Isso pode ser verificado desde os temas de cada capítulo, que se referem a fatos históricos diferentes uns dos outros. Cada capítulo, portanto, revela um contexto histórico próprio e é do foco na presença da mulher (as “senhoras”). No entanto, desse conjunto de “senhoras”, podemos extrair a unidade do conjunto.

Na primeira parte, “Senhora do Castelo”, encontramos vinte e um poemas longos, com versos livres, que remontam à Idade Média. Esses poemas descrevem alguns aspectos característicos desse período. No conjunto dos poemas, revela-se a presença da matéria épica

histórica. Ou seja, os castelos, objetos, damas, senhores, armaduras, cercos, capelas, entre outros, compõem o referente histórico medieval no qual se ambientam os aspectos ou fragmentos explorados pelos poemas.

Na segunda parte do livro, Raquel Naveira revisita o Egito e sua fonte fértil, que é o rio Nilo, trazendo a atmosfera mítica e histórica para compor essa parte, na qual podemos observar: rainhas, princesas, faraós, múmias, e todo misticismo que o antigo Egito pode nos oferecer. Essa parte é composta por catorze poemas longos, que, assim como os poemas da primeira parte, são formados por versos livres e brancos.

Já na terceira parte, “Senhora do Adro”, encontramos dezessete poemas longos com versos livres, que Naveira dedica a grandes nomes da literatura portuguesa, tal como Camilo Castelo Branco (na terceira parte há um poema intitulado “Maria do Adro”, p. 63, em sua homenagem), e um segundo poema, “Maria da Fonte (p. 64)”, que faz referência a uma heroína portuguesa; entres outros poemas dedicados a grandes nomes, tais como: Almeida Garret, em “A menina dos Rouxinóis” (p. 66), “Rosalía” (p. 67), em homenagem à poetisa galega, Rosalía de Castro e uma dedicatória que foge da linha dos literatos portugueses, em memória de Machado de Assis, no poema “A visita” (págs. 69 a 71).

Observamos na obra de Naveira, portanto, uma grande pluralidade cultural e temática. Por esse motivo, a escritora sul-mato-grossense vem ampliando sua fortuna crítica. É o caso do estudo de Ramalho, *Elas escrevem o épico* (2005), em que Ramalho se detém em pesquisar escritoras que mantêm uma relação com textos épicos. Especificamente no capítulo “A reintegração histórica através do lirismo sintético” (p. 141-150), Ramalho analisa algumas obras de Raquel Naveira. Com base em sua metodologia para verificação de obras que mantêm uma relação com o epos, Ramalho percebeu que:

[...] autora de diversos poemas longos, Raquel Naveira detém-se nos fatos históricos brasileiros e, numa visão humanitária, reconta-os, num lirismo extremamente sintético, deixando transparecer o que hoje chamamos de “história privada”. Essa recorrente preocupação com as temáticas históricas despertou interesse imediato em conhecer os vínculos da poetisa com o epos (RAMALHO, 2005, p. 141).

Outro estudo muito interessante da obra de Naveira foi realizado por Menezes no *Jornal de Poesia*, em que ela aborda as principais obras da poetisa (*Guerra entre irmãos*, *Caraguatá* e *Senhora*). No que se refere à obra *Senhora* (1999), a pesquisadora destaca sua importância com relação à inserção da voz feminina em cada parte que compõe a obra:

Nessa obra, feminina desde o título, a voz da mulher se faz poesia e assim a primeira parte do livro delinea a mulher cortesã da cultura medieval, surge a castelã, com

sentimentos trovadorescos e idealização dos cavaleiros heróicos. Na segunda parte o “eu” lírico dirige-se à cultura oriental, buscando nas águas do Nilo a fonte que jorra lirismo aos poemas [...]. O “eu” poético, ou a Senhora do poema adentra na terceira parte da obra e, revela o ambiente de mistério nesse labiríntico universo da imaginação, inserem-se os mitos femininos, gloriosamente requisitados dos romances portugueses (MENEZES, s/a, p. 16).

Menezes afirma ainda *Senhora* é uma “obra que vem coroar a multiplicidade cultural da temática naveiriana” (Ibidem, p. 16).

Em nosso estudo, pudemos constatar que Naveira é engajada na retratação histórica, procurando, assim, como outras escritoras a partir do século XX (Cecilia Meireles, Stella Leonardos, Leda Miranda Hühne, etc.), introduzir traços do material épico em seus poemas longos.

Nos tópicos seguintes do trabalho, dedicamo-nos a refletir sobre alguns aspectos que fazem parte da estrutura épica “pós-moderna”, em especial, o plano histórico, o plano maravilhoso e literário. Vejamos algumas observações que fizemos.

2. O plano histórico

No segundo momento da pesquisa destacamos a presença do plano histórico em um poema épico, destacando suas transformações no decorrer do tempo. Observou-se, com a mudança dos paradigmas que sustentavam a matéria épica clássica (origem do épico como gênero literário), houve uma grande transformação com relação ao uso da matéria histórica, uma vez que, no passado, a tradição épica sustentava o caráter narrativo, ou o fio narrativo, dos textos épicos, pois seria ela a responsável por representar um registro de fatos que envolvesse, tempo, espaço e personagem. Fizemos a análise de alguns poemas a fim de destacar o referencial histórico presente na obra.

Na obra *Senhora* (1999), percebemos o uso do referente histórico fragmentado e fortemente marcado pelo viés crítico, pois Naveira ressignifica os fatos históricos de cada tempo/espaço presente nos três capítulos que compõem a obra.

Os próprios títulos dos poemas que compõem a obra refletem essa preocupação em registrar o teor histórico dos conteúdos trabalhados. O quadro a seguir dá visibilidade a esse recurso:

Quadro I: Títulos dos poemas que anunciam a referência histórica

Senhora do Castelo	Senhora do Nilo	Senhora do Adro
Januária, a Castelã, Armadura, Banquete, Moda I, Moda II, Moda III, Banho, Falcoeiro, Brasão, Cerco, Capela, Feira, A justa, Ratos, Torre, Porão, Moinho, Trovador, Camponês, Lagar, Tapeçaria.	Nilo, Ramsés, Múmia, Pedra de Roseta, Túmulo de Princesa, Sacerdotisa, Banquete, Núbia, As imperecíveis, Barcos, Obelisco, Pirâmide, Nefertiti, Osíris.	Maria do Adro (a Camilo Castelo Branco), Maria da Fonte, Maria da Penha, Menina dos Rouxinóis, Rosalía (à Rosalía de Castro, de Santiago de Compostela), A visita (à memória de Machado de Assis), Dalila (inspirado no “Sansão e Dalila”, de Rubens), [...].

Extraído de: Traços épicos em Senhora, de Raquel Naveira, 2016, p. 19.

Por meio dos quadros, nota-se a referência dos fatos históricos nos próprios títulos de cada poema, visto que muitos deles já fazem referências ao próprio conteúdo temático/histórico, com ênfase na experiência da vida privada, representada por alguns costumes dos povos medievais, egípcios e portugueses.

Na primeira parte do livro “Senhora do Castelo”, podemos ressaltamos uma atmosfera medieval, cujo ambiente é rodeado de castelos, damas, guerreiros (as), objetos característicos da época etc. Podemos ilustrar essa ambientação no poema “Falcoeiro”:

Falcoeiro

Sobre o punho do falcoeiro
 Ouço o bater das asas
 Das girafaltes
 E gaviões empoleirados
 Nas gaiolas de madeiras

Debatem-se a águia do imperador
 E o falcão peregrino,
 Todos nesse destino
 De escravidão e dor.

A correia impede a fuga,
 O capuz com penacho
 Cega e acalma
 Quem enxerga
 Um pequeno ponto
 Do cume dos penhascos

Amanhã, na caça
 Pela floresta real
 Cada um levará
 Seu valioso animal
 [...]
 (NAVEIRA, 1999 p. 23).

No poema “Falcoeiro” (que aqui tem a função de, minimamente, demonstrar o registro da presença histórica na obra), pode-se observar o resgate do conteúdo histórico com relação à prática milenar da falcoaria, que era muito frequente entre os nobres na Europa medieval e também no Japão feudal. O esporte consistia no treinamento de aves de rapina para a caça de pequenos animais, e tal prática era sinônimo de status na época.

No estudo realizado, tivemos a oportunidade de destacar como esses fragmentos de registro histórico se fizeram presentes no decorrer dos poemas de *Senhora* e analisar o modo como a autora imprimiu nesses fragmentos tanto a intencionalidade de recompor a visão de mundo das épocas em foco, como promover o diálogo entre esses fragmentos e o maravilhoso.

3. O plano maravilhoso

O terceiro e o último capítulo foram divididos em quatro subseções, nas quais três delas foram dedicadas à análise dos poemas dando ênfase ao plano maravilhoso, isto é, fizemos a verificação dos referentes míticos em cada parte da obra seguida de análises de alguns poemas. Assim como na segunda parte, foram elaborados quadros para demonstrar os referentes míticos presentes. Como suporte, realizamos reflexões teóricas acerca do mito, que, conforme ressalta Ribeiro (2004), é a base da composição do plano maravilhoso, que consiste na representação de algum fato do imaginário popular, que, de alguma maneira, ganha dimensões extraordinárias, movido pelo sensível, pelo mágico e por tudo aquilo que não se pode explicar, mas que é captado no âmbito “humano-existencial”. De acordo com Ribeiro (2004):

Os mitos tematizam os grandes problemas humanos e estão relacionados às etapas da vida, como cerimônias de iniciação e rituais de passagem, nascimento, casamento, funerais, novas fases da vida: da infância à velhice, morte, quedas e ascensões, enfim, todo e qualquer processo de transformação (2004, p.12).

Ainda de acordo com Ribeiro, o mito pode ser encarado como toda forma de tematizar as problemáticas da existência humana.

Coerente com a linha teórica que considera o mito a partir de sua função de tematizar problemas existenciais humanos, Ramalho explica que é possível, dentro das representações míticas do universo épico, restringir seu repertório sêmico a 18 aspectos ligados aos problemas humano-existenciais, cujas feições ou imagens arquetípicas tomaram e tomam as mais diversas naturezas, tais como:

a criação, a imortalidade, a sexualidade, a fecundação, a iniciação, a sedução, a redenção, o expansionismo, a fundação, a predestinação, a submissão, a purificação, a punição, a metamorfose ou transformação, a transgressão ou superação, a onisciência, a clivagem e a misoginia (2004, p. 243).

Ramalho explica, de modo sintético, que, em relação ao texto épico, restringiu essas categorias sêmicas a 18 aspectos, pois, por meio da leitura de inúmeras epopeias, pode averiguar essa presença mítico-sêmica recorrente.

Quanto à compreensão do plano maravilhoso no poema épico, podemos perceber, segundo os estudos de Ramalho (2014) no artigo “Estratégias para a leitura da poesia épica”, que as fontes das imagens míticas tomadas podem ser: fonte mítica tradicional, fonte mítica elaborada e fonte mítica híbrida.

Ao adentrarmos na obra *Senhora* (1999), percebemos que a elaboração do plano maravilhoso foi feita através da retomada de alguns mitos (retomada de fontes tradicionais) ou até mesmo pela representação simbólica dos fatos históricos de cada período representado. As mulheres têm, naturalmente, destaque, uma vez que elas são as vozes enunciadoras desses poemas, e são representadas em contextos históricos em que muitas vezes não tiveram direito a voz. No quadro II recordamos os referentes mitos da cultura egípcia presentes em “Senhora do Nilo”. Vejamos:

Quadro II:

Poemas/Títulos	Senhora do Nilo
Nilo	Rio Nilo
Múmia	Chacal, Anúbis
Pedra de roseta	Leões, perdizes, jarros, rostos, escaravelhos
Sacerdotisa	Ísis, Hátor, Néftis, Rá
As imperecíveis	Nut, Órion
Barcos	Rei-sol
Pirâmide	Rá, chacal
Nefertiti	Múmia
Osíris	Osíris

Extraído de: Traços épicos em *Senhora*, de Raquel Naveira, 2016, p. 35.

A segunda parte do livro, como já foi citado aqui, trata-se da revisitação do eu/lírico narrador feminino ao Egito. Como se sabe, o Egito antigo teve um grande destaque quanto à religião, por causa dos diversos mitos (envolvimento com a criação de diversas divindades) e principalmente por se acreditar na perpetuação do espírito e no culto à vida após a morte (mito da vida eterna). Nesse sentido, pudemos extrair dessa segunda parte, como observado no quadro acima, alguns referentes míticos nos poemas “Nilo”, “Múmia”, “Pedra de Roseta”, “Sacerdotisa”, “As imperecíveis”, “Barcos”, “Pirâmide”, “Nefertiti”, “Osíris”, o que caracteriza a presença e a importância desses referentes míticos na composição de Naveira.

No poema “Nilo”, por exemplo, que abre a segunda parte, o rio Nilo é enunciado pela Senhora como um lugar de convívio do dia a dia. Nesse trecho, ela demonstra sua importância e seu valor mítico para sociedade da época, como podemos constatar nos versos da 4ª estrofe:

[...]
O Nilo,
Aberto em delta,
É um deus de leis corretas
Que ama o trigo
E as festas (NAVEIRA, 1999, p. 45).

A voz da “senhora do Nilo” faz referência ao rio como uma espécie de deus com suas leis corretas, que ama o trigo e as festas. Isso faz lembrar o que falava o grande historiador grego Heródoto: “Salve, ó Nilo! Ó tu que manifestaste sobre esta terra e vens em paz para dar. Vida ao Egito. Regas a terra em toda a parte, deus dos grãos, senhor dos peixes, criador do trigo, produtor da cevada. [...] o Nilo é a dádiva do Egito!” (Apud FEBER, 2011, p. 13).

4. O plano literário

Na última seção do trabalho, destacamos a importância do plano literário em *Senhora*. O plano literário de um poema épico, conforme Ramalho, “envolve tudo aquilo que, no plano da concepção criadora, revela os recursos utilizados pelo poeta ou pela poetisa para o desenvolvimento da matéria épica em questão” (2015, p. 201). No caso da obra de Naveira, o plano literário inclui alguns recursos, que já foram discriminados aqui, como a apresentação dos planos histórico e maravilhoso e sua fusão. Outros recursos épicos, entretanto, também podem ser observados em um poema longo, no qual se reconheçam traços épicos: heroísmo, a linguagem, o diálogo com a tradição épica.

Ramalho destaca que a criação épica deriva de um grande envolvimento com a cultura e pressupõe, para o/a artista, uma relação intensa com as demandas históricas e míticas que constituem o epos de um povo (2015, p. 201). Também é importante destacar que o povo representado pode ser retomado de maneira, regional, nacional, continental ou até mesmo universal, salientado pela autora, que com relação ao universal, o referente épico tem que refletir numa matéria épica com dimensões universais (Ibidem, p. 201).

Por assim dizer, observamos que na obra *Senhora*, de Naveira está representado o “epos” de três inscrições (medieval, egípcia, lusa) de maneira um tanto universal, já que estas civilizações representadas influenciaram, de maneira direta ou indireta, o comportamento

cultural de muitas nações, principalmente as ocidentais. Destaca-se, nesse viés, o realce representativo e/ou criativo da poetisa dado à inserção da voz feminina (narradora) nos poemas, em que se destacam como protagonistas assemelhando-se à condição de “heroínas épicas”, por seu trânsito entre o histórico e o maravilhoso. Naveira, portanto, coloca mulheres no centro das atenções quando as incorpora, na forma das “Senhoras” representadas, projetando-as no plano maravilhoso e tornando-as, por assim dizer, “seres míticos”.

Considerações finais

Reafirmamos as reflexões aqui apresentadas sobre as transformações literárias principalmente ao que se refere ao gênero épico, e observamos que a escritora Raquel Naveira apresenta em sua obra uma grande pluralidade cultural, sendo essa pluralidade cultural responsável por caracterizá-la como escritora preocupada com a revisão histórica, mítica e cultural em seus poemas longos.

Isso reafirma a percepção de que que traços épicos podem ser identificados na inserção, na obra, de alguns aspectos relacionados ao material de base épica (os planos histórico e maravilhoso). Ainda podemos refletir sobre o efeito de unidade final entre os poemas de cada parte, uma vez que, mesmo de forma fragmentada, cada parte (“Senhora do Castelo”, “Senhora do Nilo”, “Senhora do Adro”) ganha um todo representativo dentro da obra que se confirma pelo título *Senhora*.

Dessa forma, percebe-se que, embora cada parte dê destaque a um fragmento histórico-cultural específico, há uma unidade que funde essas “senhoras” em uma só. Por meio das “Senhoras”, transitamos pelo Egito, pela Idade Média e pela era dos descobrimentos, sempre acompanhados de múltiplos referentes, que constroem a arquitetura não do espaço, mas da própria subjetividade das personagens, para, em seguida, compreendermos que as “senhoras” retratadas refletem a presença das mulheres no mundo através dos espaços e do tempo.

Raquel Naveira, assim, dá voz a essas mulheres em contextos nos quais elas não tiveram o poder de participação enunciativa. Através do recurso épico do plano maravilhoso, Naveira recria e insere a figura da(s) mulher (as) como seres que têm o poder de agente e voz enunciativa de contextos a elas relacionados espacial e temporalmente. Há, portanto, uma transgressão da realidade por meio da dimensão mítica que somente a criação literária permite.

Por fim, gostaríamos de ressaltar que não tivemos a pretensão de fazer a análise de todos os poemas presentes na obra, tendo em vista sua extensão e o curto espaço de tempo para realização da pesquisa, mas finalizamos deixando para uma ocasião futura uma nova

abordagem por meio da qual outros aspectos relacionados à estrutura épica possam ser avaliados, principalmente o que diz respeito à percepção do heroísmo épico em *Senhora*.

Referências

CORREIA, Edeilson de Jesus. **“As senhoras” de Raquel Naveira**. Anais do VII Seminário Internacional e XVI Seminário Nacional Mulher e Literatura / org. André Tessaro Pelinser ... [et al.]. – Caxias do Sul, RS : Educus, 2016, p. 1327 - 1328.

CORREIA, Edeilson de Jesus. **Traços épicos em Senhora, de Raquel Naveira**. 2016. Número de Folhas: 54. TCC – Universidade Federal de Sergipe, Itabaiana/SE, 2016.

FABER, Marcos. **A importância dos rios para as primeiras civilizações**. 1ª Edição, 2011. Disponível em: <http://www.historialivre.com/antiga/importancia_dos_rios.pdf> acesso em 24/03/2016.

MENEZES, Edna. **Um estudo sobre a poesia de Raquel Naveira**. Disponível em: <<http://www.jornaldepoesia.jor.br/raquelnaveira.pdf>> acesso em: 28/05/15.

NAVEIRA, Raquel. **Caraguatá- Poemas inspirados na Guerra do Contestado**. Campo Grande/MS: edição independente, 1996.

NAVEIRA, Raquel. **Guerra entre Irmãos- Poemas inspirados na Guerra do Paraguai**. Campo Grande/MS: edição independente, 1994.

NAVEIRA, Raquel. **Senhora**. São Paulo: Escrituras Editora, 1999.

RIBEIRO, Maria Goretti. O mito do feminino: irrupção do inconsciente na literatura. In: SILVA, Antônio de Pádua Dias da; NÓBREGA, Geralda Medeiros; RIBEIRO, M. G. **O mito do ciborgue e outras representações do imaginário**. 1. ed. João Pessoa - PB: Editora Universitária, 2004. v. 300. p 9-26.

RAMALHO, Christina. **A cabeça calva de Deus, de Corsino Fortes: o epos de uma nação solar no cosmos da épica universal**. Aracaju: Artner Comunicação, 2015.

RAMALHO, Christina. A representação cultural da poesia épica de autoria feminina; uma metodologia para a investigação de textos épicos. In: CAVALCANTI, Ildney; LIMA, Ana Cecília; SCHNEIDER, Liane (Org.). **Da mulher às mulheres: dialogando sobre literatura, gênero e identidade**. EDUFAL. Maceió: EDUFAL, 2006 p. 105-114.

RAMALHO, Christina. **Elas escrevem o épico**. Florianópolis: ed. Mulheres; Santa Cruz do sul: EDUNISC, 2005.

RAMALHO, Christina. Estratégias para a leitura da poesia épica. In: *Interdisciplinar*. Revista de estudos língua e literatura. Ano IX, v.21, jul./dez. 2014. Disponível

em:<<http://www.seer.ufs.br/index.php/interdisciplinar/article/viewFile/2587/2212>> acesso em: 13/02/2016.

SILVA, Anazildo Vasconcelos; RAMALHO, Christina. **História da epopeia brasileira**. Vol. 1. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.